

Contribuição da História Moderna à Formulação da Geopolítica

Carlos de Meira Mattos*

Até então, muito se tem falado das contribuições da Geografia e da Política na integração do pensamento geopolítico. Neste ensaio, vamos apreciar a interação da ciência da História modernizada na formulação da Geopolítica.

Quase todos os historiadores reconhecem no italiano Giovanni Vico (1668-1744) o principal inovador dos estudos da ciência histórica.

No seu livro clássico, *Princípios de uma Ciência Nova sobre a Natureza Comum das Nações na qual também se revelam os Novos Princípios da Lei Natural dos Povos*, Vico revolucionou e renovou o método de estudo da História. Antes predominantemente descritivo e factual, esse estudo adquire nova autenticidade com a análise do ambiente sociológico do local e da época em que se deram os fatos e o enfoque psicológico dos principais personagens.

Na opinião do historiador norte-americano Edmund Wilson, Vico foi o primeiro historiador a apreender o caráter orgânico da história da sociedade humana e a importância de reintegrar, através da História, as diversas forças e fatores que compõem a vida humana.

Demos a palavra a Vico:

Os fatos da história conhecida devem se referir às suas origens primitivas, divorciados das quais eles até então pareceram não ter uma base comum, continuidade, nem coerência. (...) A natureza das coisas não é mais do que virem elas a ser, em determinados momentos e de determinadas maneiras. (...) Onde quer que as mesmas circunstâncias estejam presentes, surgirão os mesmos fenômenos e não quaisquer outros.

Os governos se adaptam necessariamente à natureza dos governados, são os resultados mesmo dessa natureza. (...) Das frases específicas e do processo de evolução regular surgiram os costumes que deram origem ao direito, religiões, línguas, dominações, comércio, ordens, impérios, leis, armas, julgamentos, castigos, guerras, paz, alianças.

O pensamento de Vico, como vemos acima, fundamenta-se essencialmente no princípio da unidade orgânica da História e na consciência do valor da sua interpretação sociológica.

Apoiado na doutrina de estudo histórico de Vico surge, mais de cem anos passados, o historiador francês Jules Michelet (1798-1874), seu seguidor e principal divulgador. Michelet já era autor de várias publicações quando, em 1824, descobriu a obra de Vico *Princípios de uma Ciência Nova...*

* General-de-Divisão. Sócio efetivo do IGHMB.

Empolgou-se pelo método de pesquisa da História do autor italiano. Abandonou os projetos em andamento e decidiu engajar-se na tarefa árdua de escrever a *História da Revolução Francesa*, aplicando e aperfeiçoando o método analítico-interpretativo de Vico. Mais de trinta anos foram necessários para que completasse a sua *História da Revolução Francesa*, reunindo, em 23 volumes, os fatos e a interpretação histórico-sociológica desse movimento político eclodido em 1789 e que modificou profundamente a concepção política de governo vigente até então. Os historiadores franceses modernos são unânimes em consagrar a obra de Michelet como o mais completo estudo histórico sobre a Revolução de 1789.

De Michelet, passamos ao consagrado historiador inglês Arnold Toynbee (1889-1975), nosso contemporâneo. Escreveu Toynbee a obra monumental *Study of History*, em sete volumes, na qual analisa a história de 21 civilizações que povoaram o mundo desde a mais remota antiguidade. Na sua pesquisa, aplica o método interpretativo de Vico, ao qual acrescenta a sua *teoria do desafio e da resposta*. Enfoca as razões de êxito ou fracasso no processo histórico das civilizações à sua capacidade de responder, no curso de sua existência, aos desafios de sua geografia e de sua coesão interna.

A *teoria do desafio e resposta* de Toynbee fica bem explicitada nos seguintes conceitos:

- Foram vitoriosas as sociedades que se mostraram capazes de responder ao desafio do meio físico (geografia) e de suas próprias contradições psicossociais, e fracassadas aquelas que não tiveram capacidade de responder a esses desafios;

- A geografia condiciona, dificulta, sugere, inspira, estimula, enfim, apresenta os seus

desafios; caberá ao homem responder a esses desafios. Ou os responde e os supera ou não os responde e é derrotado.

Essa teoria toynbiana elimina os traços das doutrinas etnocentristas e geocentristas, erigidas, respectivamente, no preconceito de raça superior e de posição e clima privilegiados como razão determinista de cultura superior. O homem ativo de qualquer raça, habitante de qualquer latitude ou longitude, se responder o desafio toynbiano, poderá triunfar no processo evolutivo da sociedade.

As doutrinas etnocentristas e as geocentristas, muito apreciadas pelos europeus, negam às sociedades de raças não brancas, habitantes de latitudes tropicais ou frias, a capacidade de virem a criar uma civilização.

Toynbee utiliza, na sua pesquisa, o critério de definir o espaço a ser investigado, que ele mesmo apelidou de *campo inteligível do estudo histórico*. A aplicação desse critério na investigação de uma sociedade considerada obriga a estudá-la a partir de suas raízes culturais e étnicas.

Depois de estudar as 21 civilizações que selecionou, investigar suas fases de progresso e de estagnação, sua fossilização e desaparecimento, sua contribuição cultural à formação de novas sociedades, Toynbee considerou sobreviventes, na atualidade, cinco sociedades assim designadas: Ocidental, Cristã Ortodoxa, Islâmica, Hindu e Chinesa. O historiador inglês, durante duas décadas de longa pesquisa, cobriu cinco mil anos da história da humanidade.

O método de investigação histórica de Toynbee, cujas fontes podem ser encontradas em Vico e Michelet, apoia-se em três critérios principais: definição de um campo inteligível de estudo histórico para cada sociedade; criação de um esquema típico baseado na teoria do desafio e da resposta, aplicado

nas avaliações; e separação da teologia da política nas avaliações de contribuição histórica, considerando a participação das religiões universais como crisálidas de infra-filiações entre as civilizações.

Na França contemporânea, um grupo de intelectuais reunidos em torno da revista *Annales* mantém viva a chama de *La Nouvelle Histoire*, fundada em 1929 pelos então jovens historiadores Lucien Febvres e Marc Bloch.

Hoje, a esse grupo se associam os historiadores Fernand Braudel e Peter Burke, entre outros. Esta chamada *escola de Annales*, seguidora do mestre Michelet, tem, como característica particular, sua discordância em se dar ao estudo da História a predominância do fato político. Defende a abrangência da historiografia aos campos da Geografia, Sociologia, Psicologia, Economia, Antropologia e tantas outras ciências.

Na atualidade, Barbara Tuchman é considerada a mais bem-sucedida historiadora dos Estados Unidos. Os seus livros de história – *Os Canhões de Agosto*, *A Marcha da Insensatez*, *Um Espelho Distante* –, com tiragens de milhões de exemplares, foram traduzidos em mais de dez idiomas.

Em 1989, Barbara Tuchman lançou um de seus últimos livros, *Prática da História*, uma obra diferente, na qual faz ampla análise das principais obras publicadas desde a antigüidade e investiga quais as que resistiram ao tempo, tornando-se clássicos.

Nessa obra, a historiadora enfoca sua visão sobre o papel da História na sociedade moderna. Damos a palavra a Tuchman:

Pode ser que, numa época de crescente incerteza e de preocupação crônica, a voz do historiador seja a mais necessária, e mais ainda porque as outras parecem inadequadas com absurda freqüência. Embora as razões possam ser discutidas, creio que o historiador tem uma clara oportunidade de tornar-se o principal intérprete, na ciência literária, do papel do homem na sociedade. A sua tarefa é a de proporcionar tanto matéria que satisfaça o interesse do público quanto a compreensão humana, sem a qual qualquer leitura é insípida.

Com este repasse às principais obras e autores da moderna ciência histórica, podemos concluir que os progressos alcançados nessa área de conhecimento só vieram fortalecer a sua inserção como inspiradora da Política e, por conseqüência, da Geopolítica.



A história da humanidade é a história da guerra.

Winston Churchill

Não existe testemunha mais terrível, acusador mais poderoso do que a consciência que habita em nós.

Sófocles